



RESENHA:
*O TODO DA LÍNGUA: TEORIA E
PRÁTICA DO ENSINO DE PORTUGUÊS*

BOOK REVIEW: *O TODO DA LÍNGUA: TEORIA E
PRÁTICA DO ENSINO DE PORTUGUÊS*

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva¹
Universidade Estadual do Ceará
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Ana Maria Pereira Lima²
Universidade Estadual do Ceará

CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. 151p.

¹ E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br.

² E-mail: analima@uece.br.

Organizado pelas pesquisadoras Vânia Casseb-Galvão e Maria Helena de Moura Neves, *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português* foi recentemente publicado pela Parábola Editorial. Neste livro, foram reunidos seis estudos sobre o ensino de português e de gramática indispensáveis à reflexão e à análise linguística no contexto do ensino/aprendizagem da língua no âmbito escolar, ressalte-se ainda que estas pesquisas foram desenvolvidas por funcionalistas experientes e interessados pelo atual desafio em formar professores/as para atuarem no ensino de língua portuguesa na educação básica brasileira.

Nesta obra, em geral, os/as autores/as trazem à tona uma discussão necessária sobre às práticas de ensino/aprendizagem, integrada à constituição da língua, procurando enfocar, sobretudo nos aspectos formais, funcionais, cognitivos e sociais oriundos dos inúmeros fenômenos gramaticais e discursivos emergidos dos textos, das práticas comunicativas e do próprio funcionamento da língua em sociedade.

Este livro é produto de pesquisas especializadas na área dos estudos da linguagem, que se sustentam em princípios do funcionalismo clássico, da linguística funcional centrada no uso (LFCU) e na teoria da tradução audiovisual. Além do mais, é notório salientar que as organizadoras possuem vasta experiência e produção científica nos campos da pesquisa em descrição e análise linguística, tanto na perspectiva da gramática funcional, gramática das construções, quanto na própria história da gramática.

De um lado, temos Casseb-Galvão, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG, com doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. De outro, Moura Neves, professora emérita da Universidade Estadual Paulista - UNESP, docente da Mackenzie e doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo - USP, atuando também como livre-docente (língua portuguesa) da UNESP.

Para tanto, essas duas pesquisadoras salientam na *apresentação*, que esta obra sobreveio da urgência em “apresentar e discutir orientações teórico-metodológicas que possam fomentar a prática docente” (p. 9), em especial, a dos profissionais da língua portuguesa, trazendo a essa nova realidade, profícuas orientações para o encaminhamento do ensino de gramática, análise linguística e produção textuais, no intuito de dinamizar e tornar mais produtivas: as atividades gramaticais e discursivas de uso efetivo da

língua(gem), utilizadas na ação docente, sendo conduzida por reflexões e por princípios de que “a língua é sociointeracionalmente constituída”. (p.10).

O livro, divide-se em duas partes: a primeira apresenta capítulos que procuram discutir o “Encaminhamento teórico do ensino de português” e o segundo evidencia a “Condução do trabalho escolar com a gramática”. Dessa forma, esses textos se moldam a partir de uma concepção sociofuncionalista da linguagem, quanto às práticas de uso da língua em atividades produtivas de língua portuguesa, visando produzir e equilibrar aportes teóricos à reflexão e à análise linguística de professores/as, em sala de aula, no fomento constante ao desenvolvimento das competências linguísticas do alunado.

No capítulo 1, “Linguística funcional centrada no uso e ensino”, Mariangela de Oliveira, pautou-se numa abordagem construcional da gramática, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades específicas para fins de análise, reflexão e desenvolvimento da competência linguística em atividades de usos linguísticos e de produção textual em língua portuguesa no ensino médio.

Essa pesquisadora reforça a importância de se desenvolver ainda mais a competência linguística dos estudantes, afirmando, a partir de Oliveira e Wilson (2015) que “a aula de língua portuguesa passa a ter na análise e na produção textuais seu ponto de partida e de chegada, e os aspectos gramaticais são tomados como meios, como recursos através dos quais se chega à análise e à reflexão sobre a língua” (p.18).

Para ela, é preciso evidenciar a necessidade de se colocar a língua portuguesa como uma “manifestação linguística essencial, na condição de língua materna”. (p. 17). Neste sentido, corroboramos com a autora, acentuando que no contexto escolar, faz-se crucial uma abordagem da língua portuguesa que vislumbre integrar tanto os aspectos estruturais, concernentes à organização da gramática do português, como também, os níveis sintático, morfológico, fonológico e fonético, sem esquecer dos aspectos funcionais, relacionados aos “propósitos comunicativos, condições de produção, perfil dos interlocutores, entre outros”. (p.17).

Mais adiante, no capítulo 2, “Funcionalismo clássico aplicado ao ensino”, Milcinele Duarte e Vânia Casseb-Galvão procuram esclarecer como se organizam as relações entre as concepções e os princípios funcionalistas em detrimento do ensino de língua portuguesa, como língua materna, num contexto sociohistórico em que é necessário estimular as práticas docentes, a

partir de bases teóricas fundamentadas que resultem na mudança de uma “concepção de língua estática” para uma concepção de língua mais “dinâmica, fluida, construída no uso efetivo, no movimento dos agentes das intenções comunicativas” (p. 35), sobretudo de professores/as.

As autoras, sob a égide da abordagem funcionalista clássica, atestam que as contribuições ao ensino de língua portuguesa devem surgir da aplicação efetiva de metodologias, priorizando uma perspectiva de estudo da língua/linguagem, enviesado pela ótica interacionista e dialógica que resulte numa multiplicidade de aplicações e não apenas numa mera descrição linguística das unidades da língua (orações, frases e expressões), sem que seja considerada a perspectiva funcionalista de análise linguística, no qual a língua é vista como “organismo não autônomo, produto e instrumento de persuasão, de expressão e de simulação”. (p. 38).

Sendo, assim, elas enaltecem e enfatizam que estimulando essa concepção de língua, priorizada pela interação, diálogo, funcionalidade diversidade e encantamento” é possível, de fato, fazer com que os alunos se constituam “como sujeito-aprendiz capaz de manejar sua língua com proficiência nas mais diversas situações de interação formal e informal. (p.39).

Gian Luigi De Rosa, no capítulo 3, “Tradução audiovisual aplicada ao ensino de português” analisa os problemas e as dificuldades do emprego da legendagem no processo de tradução audiovisual no contexto do ensino/aprendizagem de língua portuguesa, numa perspectiva ativa “o aluno como tradutor/legendador” e receptiva “o aluno como simples espectador de textos legendados”. (p. 60).

O autor argumenta que os textos audiovisuais camuflam limitações e obstáculos linguísticos “que poderiam tornar opacos alguns conteúdos também para um destinatário/espectador que possui competência comunicativa na (variedade de) língua do texto fílmico”. (p.60). Para ele, em suma, tanto num prisma teórico quanto no prático, as pesquisas com textos audiovisuais evidenciam que utilizar: a legendagem, a dublagem ou o *voiceover* pode trazer aos usuários da língua portuguesa inúmeros benefícios aos conhecimentos linguísticos, tradutórios, semióticos e culturais.

Por isso, na visão desse pesquisador, faz-se tão desejável o emprego da tradução audiovisual no ensino/aprendizagem numa sala de aula, tendo em vista que o texto audiovisual é diferente do texto tradicional, pois as informações chegam ao destinatário através de dois canais: áudio e imagem.

Logo, o uso da tradução audiovisual, tornou-se indispensável “como ferramenta na metodologia e na prática didática de línguas L2/LE”. (p. 74).

No capítulo 4, “Por um ensino produtivo de gramática”, Leosmar Silva, oferece-nos uma intensa discussão de como as práticas de ensino de gramática nas escolas da educação básica se configuram atualmente, posto que essas ações e/ou atividades em sala de aula, muitas vezes, concentram-se apenas em atividades classificatórias e em exercícios de metalinguagem, sem levar em conta: o texto, o contexto de sua produção e seus propósitos enunciativos sociohistoricamente situados.

Esse pesquisador revela diante de alguns estudos especializados, de vários autores/as reconhecidos na área do ensino de gramática, como se faz cogente na visão deles “um ensino reflexivo – e produtivo –, ao mesmo tempo em que apontam caminhos metodológicos para desenvolver esse ensino”. (p.77). Para isso, ele destaca a necessidade de que os/as professores/as trabalhem produtivamente em sala de aula com exemplos práticos demandados da relação entre “os domínios do conhecimento na produção do humor, a efetivação da leitura crítica por meio da integração entre os gêneros *reportagens e propaganda*, o ato de nomeação e a organização sintática como fenômenos discursivos e subjetivos, sujeitos as pressões contextuais/pragmáticos”. (p.77).

Leosmar Silva, por fim, acentua numa perspectiva do ensino produtivo de gramática que, em pleno século XXI, é urgentemente necessário que os/as professores/as possam refletir mais sobre a língua(gem), sem perder o foco nos aspectos pragmáticos envolvidos na produção da enunciação, com isso, é possível construir condições teórico-metodológicas capazes de desenvolver efetivamente, tanto as atividades de compreensão leitora, como também a produção de variados textos/discursos.

No penúltimo capítulo, “Por que estudar uma gramática brasileira”, Marcos Bagno nos oferece um engenhoso convite à leitura reflexiva quanto ao ensino de gramática brasileira, propondo que “a função da escola é ensinar aquilo que as pessoas não sabem”. (p. 97). A partir dessa reflexão, esse pesquisador esclarece que não há necessidade de se ensinar a gramática do português brasileiro a falantes das variedades menos prestigiadas (rurais ou urbanas), nem seria preciso fazê-la com usuários mais letrados a construir enunciados como “*aquele rapaz que o pai é deputado ou a janela do meu quarto não bate sol ou aqui não vende esse remédio*”. (p. 97).

Nesse diapasão, despertou-nos à atenção, o fato de Bagno preferir a terminologia *estudar gramática* ao invés de *ensinar gramática*, justamente por compreender que: “[...] a escola é o lugar onde se deve *ensinar o que a pessoa não sabe*, então – numa conclusão tautológica – não existe razão para ensinar o que ela já sabe”. (p. 98). Ele ressalta ainda que o estudo de gramática do PB, bem como a comparação de suas regras “com as da tradição normativa é abrir caminho para a construção de um ambiente pedagógico mais democrático”.

Por ser um sociolinguista atuante e polêmico, Bagno cumpre, decerto, com uma exaustiva discussão especializada acerca da ausência constante de uma *reflexão sobre a língua*, sobretudo, quanto o papel da escola e do trabalho dos professores/as com o ensino de gramática, uma vez que o objetivo pedagógico desse ensino reflexivo é a inserção “do indivíduo na cultura letrada”. (p. 98). Isso significa entender que esse ensino precisa ir além da escrita, atravessando também pelas práticas constantes de leitura de reflexão sobre a língua que conduzam as pessoas a uma conscientização da existência de incontáveis gêneros textuais, sendo estes manifestados por um conjunto de “normas múltiplas de configuração do discurso, normas e gêneros sincronicamente variáveis e que se transformam diacronicamente”. (p.107).

O autor, posiciona-se, enfim, alertando da necessidade de uma educação linguística que apresente aos “aprendizes a *natureza variável e mutante* das línguas humanas” (p. 104), visto que esse processo educativo precisa ir além das hipercorreções prescritivas da tradição normativa tão corriqueiras no ensino de gramática nas escolas brasileiras. Nesse caso, ele argumenta que se faz cogente uma formação docente, tanto no contexto da formação inicial em cursos de letras nas universidades, quanto no aprimoramento contínuo nas escolas, primando-se por uma pedagogia do ensino de português brasileiro (PB), de forma equilibrada e inovadora, tendo em vista o estado sincrônico da língua.

De encontro com o debate acerca dos problemas de condução das aulas de gramática no contexto brasileiro, anteriormente, alçado por Bagno e, agora, retomado no último capítulo “*Categorias gramaticais em materiais didáticos*”, a professora Moura Neves nos apresenta por meio de um estudo consistente em materiais didáticos, uma densa verificação de como ocorre: a avaliação do tratamento escolar dada à gramática e ao processo de ensino de português, vinculando-os às atividades gramaticais e de análise linguística em tarefas de

“categorização dos itens da língua nos diversos tipos de obras disponíveis à consulta dos estudiosos em geral professores de língua materna”. (p. 124).

A pesquisadora retoma a discussão de outros/as autores/as da obra no que concerne à base da teoria funcionalista da linguagem, reforçando que “a questão da difusão de limites que o sistema da língua abriga e que o uso manifesta pode-se passar a discussões que orientem para um encaminhamento reflexivo de ações visando a um trabalho escolar que não desconsidere o fato de que os itens respondem exatamente às necessidades do uso na linguagem e que, portanto, é nesse uso que sua real caracterização pode ser estabelecida. (p. 124).

Nessa acepção, Moura Neves, evidencia neste estudo uma instigante verificação de como os/as professores/as, utilizam-se no âmbito escolar, por exemplo, dos livros didáticos na condução de suas aulas de gramática e se eles/as conseguem demonstrar um conhecimento da real missão funcional dos vários “elementos tradicionalmente abrigados nas classes gramaticais propostas”, bem como da flexibilidade “natural e sistêmica, para outras definições categoriais, a que eles se submetem no uso”. (p. 124).

Por fim, neste último capítulo, a autora cita algumas reflexões acerca de como estão sendo conduzidas as atividades de categorização dos itens da língua com o uso de várias obras disponíveis aos estudiosos e professores/as de língua materna na contemporaneidade. Dessa forma, acreditamos no benefício dessa prática, sendo, de fato, muito pertinente no campo do ensino de categorias gramaticais, uma vez que os professores precisam ressignificar as estratégias e/ou práticas em sala de aula, visando um ensino produtivo de gramática e, sobretudo, o manuseio adequado de materiais didáticos para aprendizagem significativa do alunado.

Porquanto, a relevância deste estudo, de Moura Neves, tornou-se crucial para analisar se as obras que os/as professores/as têm se apoiado para condução das aulas de português, realmente têm contribuído para “o conhecimento real do papel funcional dos diversos elementos tradicionalmente abrigados nas classes gramaticais” (p. 124), por exemplo.

Não resta dúvida, sobre a relevância acadêmica, de *O todo da língua*, apesar de constitui-se apenas por seis estudos no campo do ensino de português e de gramática, a obra oferece proveitosas contribuições e encaminhamentos teóricos e práticos, provenientes da diligência e atenção de pesquisadores/as funcionalistas em relação à constituição e ao funcionamento da língua, estas pesquisas buscam, em suma, compreender e preencher as

lacunas existentes no ensino de gramática no Brasil, deixando claro, a necessidade de uma aprendizagem linguística centrada no uso e no aprimoramento das competências gramaticais dos sujeitos-aprendizes e também dos usuários proficientes da língua materna.

Nota do editor:

Resenha submetida para avaliação em: 15 de novembro de 2017.

Aprovada em sistema duplo cego em: 17 de dezembro de 2017.